

LOUCURA E IMAGINÁRIO EM ANDRÉ LOUCO, DE BERNARDO ÉLIS

MADNESS AND IMAGINARY IN ANDRÉ LOUCO, BY BERNARDO ÉLIS

Anne Caroline Fernandes Alves¹
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
anne.alves@unialfa.com.br

RESUMO: O artigo analisa as nuances de loucura representada na novela André Louco, de Bernarno Élis. O autor goiano tem sua obra marcada pela tentativa de dar voz a personagens silenciados, e aqui, especificamente, à figura do louco. A partir da narrativa regionalista, que se passa na cidade de Goiás, utilizou-se de uma revisão bibliográfica e da análise do discurso com o objetivo de apreender os artifícios narratológicos que podem servir ao historiador no intuito de convencer sobre determinadas representações do passado e de comportamentos que eram naturalizados. O modo como o autor insere a loucura na novela e como trata a mesma no decorrer da narrativa demonstra que, embora em lugar ermo, a complexidade do ser humano num ambiente social vai além das classes sociais e está além de barreiras geográficas. Apontando, inclusive, para a realidade das instituições manicomiais brasileiras que passavam por reformas naquele período.

Palavras-Chave: André Louco. Loucura e Silêncio. Representações. História e Literatura.

Abstract: The article analyzes the nuances of madness represented in the novel André Louco, by Bernarno Élis. The Goian author has his work marked by the attempt to give voice to characters silenced, and here, specifically, the figure of the crazy. Based on the regionalist narrative that takes place in the city of Goiás, a bibliographical review and analysis of the discourse was used to understand the narratological artifices that can serve the historian in order to convince about certain representations of the past and of behaviors that were naturalized. The way the author inserts the madness in the novel and how it treats the same in the course of the narrative demonstrates that, although in a bad place, the complexity of the human being in a social environment goes beyond the social classes and is beyond geographical barriers. Pointing, even, to the reality of Brazilian insane institutions that underwent reforms in that period.

Keywords: André Louco. Madness and Silence. Representations; History and Literature.

¹ *Mestre em História pela PUC/GO, docente no curso de Direito do Centro Universitário Alves Faria. E-mail: anne.alves@unialfa.com.br

Introdução

Ao adentrarmos no presente estudo desejamos vislumbrar a perspectiva de representação da loucura a partir da obra literária André Louco, de Bernardo Élis. Para tanto, é preciso se imaginar como uma criança de 12 anos de idade, habitante de um sertão goiano rodeado por lugares ermos, histórias maravilhosas e construídas pela experiência da tradição oral. Pois este é o ponto de partida para adentrarmos na narrativa a qual este artigo propõe análise. A novela André Louco, escrita por Bernardo Élis, inicia-se pela narração deste menino que irá relatar um fato ocorrido na cidade de Corumbá de Goiás num período pelo qual não podemos definir, mas que pela leitura e informações como a data de publicação, sugere um Goiás do início do século XX.

A narrativa começa com a descrição de uma cena noturna onde a criança percebe a movimentação dentro de sua casa e os latidos de cães na rua, o barulho de correntes se arrastando e vê sua mãe ajoelhada, acendendo vela e rezando com a criada que lhes serve em função de toda uma agitação. O pai está espiando pela brecha da janela e ele logo conclui: André Louco vem aí. Nos capítulos que se seguem o narrador explica que André louco era um jovem que bastante incomodava a cidade, um endiabrado. Tudo começa com uma cena onde a personagem principal, André, violentamente ataca pessoas e finaliza com um tiro nos peitos da negra Angelina. Sua punição: O delegado pede à família que o recolha em seu sítio e que não o deixe perturbar mais a cidade.

Tempos depois, o mesmo André se encontrava na roça com seus irmãos e surta de maneira tal que sobe num carro de boi e some no mundo a espetar o pobre animal que movia o carro. A partir de então, uma série de eventos de violência, dos quais não se encontram culpados a priori, são atribuídos ao louco que fugiu. Todos passam a ter preocupações a respeito desta figura e dentro do texto percebemos um imaginário carregado de princípios religiosos e até mesmo sociais que giram em torno da loucura. Esse imaginário fica atestado quando Élis escolhe uma criança para dar voz ao acontecimento. Portanto o leitor fica envolto na narrativa que está sendo construída por um menino que desfruta da imaginação que lhe é característica e ainda do início de percepção da vida que lhe começa a ser realidade. É este menino que nos levará a observar o louco e o cenário em que este personagem se insere.

Building the way

François Hartog (1999), em *A História como Representação*, fala acerca da retórica que para ele significa “arte de persuadir: como fazer-crer? Precisamente pela movimentação de figuras e procedimentos pelo narrador.” Retórica está que fica evidente no ardil bernardiano.

Os contos, bem como esta novela e as demais produções literárias de Bernardo Élis são sempre tratadas por uma relação de dar voz aos silenciados, seus personagens costumam ser mais do que simples caricaturas, dando ao texto o caráter universal das mais complexas relações humanas em suas misérias e suas experiências de vida. Ainda que ficção, a obra deste autor goiano nos ensina a empregar artifícios narratológicos que expressem com mais clareza as relações de representação das quais pretendemos utilizar enquanto historiadores. Disso nos fala Durval Muniz acerca da Literatura e da História, no que há de ensinamentos da primeira para a segunda. O emprego das técnicas narratológicas podem sim valer para o convencimento metodológico e científico que pretende a história.

Abro parênteses para o fato de que Goiás, especialmente, havia passado a pouco pela transferência da capital sob uma perspectiva de mudança na saúde, proposta por Pedro Ludovico. Um ideal de progresso estava lançado visto que na até então capital de mesmo nome do estado, o caos na saúde pública vinha sendo marca de atraso social dentro dum Brasil que buscava se firmar enquanto nação independente. Bernardo, entretanto parece clamar o abandono do sertão goiano e de sua gente que padecia pelo atraso e busca representar em suas letras os dilemas desse ser(tão) goiano.

Bernardo Élis, escritor goiano, primeiro do estado a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, foi também, pelo estilo, pioneiro ao introduzir o modernismo na literatura regionalista e possuía um veio político bastante ativo. Em toda a sua obra relata a violência e o silêncio a que estão submetidos os mais diversos personagens. Ele relata aquilo que representa o mundo goiano, com características universais até certo ponto. A função do texto seria a que nos aponta Hartog (1999) ao dizer que este é “reflexo da sociedade e das lutas que a animam.” isto porque, para além da Literatura, o texto de Élis nos leva a encontrar uma realidade social de um estado atrasado e mergulhado num imaginário que ainda hoje se percebe. Assim, por meio da Literatura, o autor também implica elementos históricos em sua narrativa.

Discussão

Voltemos à novela André Louco. Muito se discute ainda hoje sobre o tema da loucura. Para além do diagnóstico, a loucura pode ser vista por muitos como uma situação de possessão demoníaca e desta perspectiva trabalha todo um imaginário religioso e espiritual.

A questão do imaginário possui uma representação carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas (LAPLANTINE, 2003). Esta carga afetiva pode ser observada em toda a narrativa de André Louco, no trato dos moradores da cidade com a personagem principal. Suas atitudes estão sempre pautadas no imaginário que possuem a despeito do louco e isso é ingrediente da construção desta personagem.

A primeira menção ao louco, no texto, é feita nas primeiras linhas. O barulho das correntes antecede a chegada de seu detentor. Nestas primeiras palavras, a imagem de um ser assombroso começa a ser delineada. A mãe do menino o chama para ajoelhar-se em oração, pois o louco está às ruas.

Perceber a loucura a partir da narrativa de uma criança é algo que nos chama a atenção, como bem diz Marchezan (2005) em introdução à edição de Ermos e Gerais

Essa novela, como mistério e a mesma cenografia presente nos contos, por meio de uma focalização, surpreende, centrada num menino, enovela tensões diferentes, múltiplas, que se desdobram e devassam algumas almas dos ermos geralistas do universo ficcional de Élis.

Ao observamos a construção da personagem, devemos levar em conta todos os recursos que Élis faz uso em sua produção como a descrição do espaço, a linguagem típica do sertão goiano e a caracterização abundantemente descrita das personagens. É bom lembrar que as histórias atuam “...antes de tudo, no destinatário: é para ele que o efeito é calculado pelo narrador ou, globalmente, é nele que o texto deve fazer efeito.”, deste modo, podemos pensar que cada representação nesta novela possui um efeito intencional do narrador, ao mesmo tempo que causa identificação no leitor que experiencia ou ouviu falar das experiências aqui contidas. Assim, saímos do texto, mas nos prendemos a ele para sair.

Sabe-se que a figura que está próxima é a de um louco quando o autor anuncia seu nome: André Louco. Em seguida, nestas primeiras linhas, o narrador-personagem no ajuda a construir uma associação da figura que lhe é tão temida a uma pessoa violenta e perigosa ao

Building the way

dizer: “Um medo danado de que o louco entrasse ali e matasse meu pai, me matasse, matasse minha mãe, quebrasse os santos e desse pescoções na preta Joana, que rezava estalando a beijorra, como se comesse rapadura.”(ÉLIS,1978).

Esse personagem, André, possui antes de tudo, uma anunciação ao leitor, digna de alma penada. Sua entrada é precedida pelo latido de cães, pelo estalar de correntes arrastando em pedras e burburinhos de rezas. Um indício de imaginário da loucura ligado desde já à “coisa doutro mundo”, “alma condenada”. Além disso, as primeiras características do local onde está percebida a narrativa vem à tona pelas pedras que pavimentam a rua, pelas palhas utilizadas para queimar a vela como se vê no trecho a seguir: “Devia ser muito tarde, meu pai olhava pela greta da janela semicerrada. Minha mãe, ajoelhada na alcova, queimava palha benta numa vela igualmente benta, como nos dias de chuva braba.” Além de descrever o espaço, há também uma clara anunciação do trato religioso que domina o imaginário nessas primeiras linhas da novela.

Mais adiante lemos o trecho: “Daí a pouco ouvi um barulho de corrente se arrastando nas pedras da calçada, lá fora. A cachorrada latia desesperadamente pela cidade inteira. Os do largo do cemitério latiam e os da rua de baixo respondiam.” (ÉLIS, 1978).

Destaca-se que a novela em sua primeira versão foi publicada no ano de 1944, e nesta época, no Brasil, a loucura ainda era “tratada” exclusivamente em asilos manicomiais. Esses asilos eram locais destinados às figuras à margem da sociedade. “O louco é o herege dos tempos atuais e a sua punição é o confinamento em hospitais psiquiátricos”, afirma Francisquini(2007).É sabido ainda que a Cidade de Goiás, próxima ao nosso lócus ficcional, era explorada pela mineração, fator este agravante das doenças mentais visto que o mercúrio lançado nos rios acabava por ser ingerido pelas famílias da cidade e circunvizinhança através da ingesta de peixes, e ainda hoje fonte de estudos sobre a loucura em Goiás. Alguns artigos dão conta sobre a quantidade considerável de doentes mentais da cidade, dever-se ao fato deste mesmo ciclo entrar em decadência, levando muitas famílias à miséria. Em PRUDENTE (2006,p.38) observamos a seguinte constatação:

Há que se considerar também o estado econômico de Goiás,que no século XIX, foi marcado por um período de pobreza, em decorrência da queda do ciclo aurífero. Ademais, alguns pesquisadores relacionam este período de escassez com o aumento do número de deficientes mentais, por que “a gravidez em meio a desnutrição, causada por um dieta deficitária, era um problema freqüente, que por sua vez

Building the way

enquadra-se nas causas pré e pós natais da deficiência mental” (Apud SOUZA, 2008).

Ouve-se de geração em geração, dos moradores de Goiás, que essas figuras de loucos, vagavam pela cidade de Goiás em grande número e que alguns deles até eram de famílias abastadas da cidade, entretanto, por motivo de loucura eram renegadas pelas famílias. Pessoas que habitaram a antiga capital do estado afirmam que o barulho das corretes, narrado em nossa novela, eram comuns pelo fato de que alguns loucos fugiam de suas casas e saíam arrastando as correntes usadas para prendê-los em suas casas.

Seguindo adiante, o narrador explica que a personagem, desde moço já era endiabrado, bebedor e agressivo (ÉLIS, 1978, p. 4). Em seguida, é narrado o dia atribuído ao principal surto de André que, sobre um carro de boi, sumiu aos trancos no capão. Desde então, todos os episódios de violência aos quais não se achavam culpados, eram atribuídos logo ao personagem da loucura, o que de certa forma soa melhor que atribuir à obra do diabo, como muitos faziam no interior do país. Em modo geral, os contos de Bernardo, assim como romance, são ricos em descrições de cenas violentas, de caracterização da miséria humana e até mesmo do grotesco.

Buscando em sua biografia, este autor regionalista se destaca por ideais modernistas, haja vista ter sido o introdutor do modernismo em Goiás, e ainda adepto de ideais comunistas. Daí, talvez, seu caráter de denúncia presente em suas descrições espaciais e em seus personagens nada comuns que denotam o tom de realismo literário de suas obras.

Nota-se que a clausura era vista como solução dos concidadãos para André. O próprio coronel contrata “3 bate paus pagos pela Intendência, com o escopo de prender o doido”. Esse feedback explica as correntes inicialmente relatadas na primeira descrição da personagem que estava presa “no calabouço úmido, com o corpo ferido, magro, algemado e com uma corrente deste tamanho no pé”(ÉLIS,1978).O modelo de tratamento asilar proposto por Pinel, como analisa Foucault(1968), propõe um encarceramento que , para além da medicina, está voltado para segregar o louco de modo a utilizar técnicas coercivas e punitivas com caráter de precaução social. A doença mental é trabalhada aqui como um problema de ordem moral e não como saúde, é possível que por isso seja tratado por todos como tal.

Building the way

De acordo com Carneiro (2008), é em meados do sec. XX que começa a ocorrer no Brasil uma ruptura com o modelo de tratamento asilar e começa a ser instaurado uma nova abordagem da loucura pretendendo retirar o doente do cárcere e leva-lo a alas psiquiátricas de hospitais para tratá-los com possibilidade de “alta” e sem técnicas punitivas como o eletro choque, por exemplo. Bernardo Élis capta em sua narrativa este momento nacional e consegue trazê-lo para o que lhe é particularmente familiar, sua própria cidade.

Se no cenário nacional via-se uma movimentação para a mudança da estrutura psiquiátrica, em Goiás buscava-se acompanhar o ritmo com a inauguração do Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho, em 1942. Entretanto, em Corumbá de Goiás, ainda que próximo à Capital, talvez pela ausência de médicos, predominava o curandeirismo, muito comum no interior do estado e a ordem dos que se diziam mais entendidos. Bernardo Élis demonstra isso em sua narrativa ao dizer “Um dia André gritou demais da conta. O coronel se incomodou. O coronel era quem receitava os remédios, mandava no delegado, mandava no juiz, no promotor, na igreja.” (ÉLIS, 1978, págs. 8 e 9). Para além de uma novela ficcional, podemos notar o grande engajamento social ao produzir uma literatura de denúncia social também. Há vários estudos sobre o coronelismo em Goiás e o autor de André Louco também faz questão de retratá-la aqui.

Voltemos à questão médica. Na narrativa aqui discutida, Bernardo Élis abre parênteses para dar destaque ao abandono da saúde no interior do estado ao retratar o alvoroço que a visita de um médico causa na cidade de Corumbá. Todos iam consultar-se com ele, doentes ou não, pois viam naquela visita uma oportunidade: “Uma ocasião, como passasse pela cidade um médico e todos se estivessem tratando com ele, meu pai também o chamou para examinar mamãe. Não que ele a supusesse doente.” (ÉLIS, 1978, p.16).

Ainda mais adiante está narrado o auto custo das consultas (aproximadamente 5:000\$000) e suas receitas intrigantes” (As receitas do doutor eram padronizadas).” Uma ironia à qualidade de atendimento médico destinada àqueles que estavam no sertão do estado.

Mendes (2011, p.39) fala sobre isso ao dizer

O problema era justamente não haver médicos no interior, essa deficiência era sentida e percebida pela população e também pelo poder público, que acreditava ser a falta de uma escola de medicina radicada em Goiás o grande problema do déficit de profissionais no interior.

Building the way

E de fato, em 1950, com a fundação da Associação Médica de Goiás, Goiás inicia uma caminhada rumo à consolidação da prática medicinal no estado. Entretanto, a tão sonhada faculdade de medicina de Goiás só veio à existência em abril de 1960. Como se não só o governo se mobilizasse nesse sentido, antes disso, Élis parece dar voz ao grito de uma população emudecida, adoentado que padece de males diversos no coração do Brasil.

Vale ressaltar que na década que André Louco é relançado como novela coincide também com o fato de a Universidade Federal de Goiás decidir que a psiquiatria teria participação ativa no que tange à aproximação entre médico e população, como nos informa Mendes(2011). Salles (1999) cita trecho descrito no Relatório da inspetoria de Higiene Pública do Estado à despeito dos loucos:

Infelizes porque a caridade pública parece esquecê-los e negar-se a estender-lhes a sua befação mão, infelizes porque o governo até agora tem se mostrado surdo aos seus gemidos e quando alguma providência se toma é apenas para retirá-los da sociedade, quais animais hidrófobos[sic] e senão curá-los, mitigar os seus cruéis sofrimentos, prestando de acordo com a civilização real, serviço à humanidade e à ciência.(apud MENDES, 2011)

Esta infeliz observação podemos encontrar descrita em nosso objeto de discussão. Depois de algum tempo preso na cadeia da cidade, acorrentado, e após um episódio de fuga, André Louco é transferido para o sítio de sua família onde a seguinte descrição se lê:

No sítio, os irmãos de André prenderam-no ao moirão do curral, pela corrente que ele trazia ao tornozelo. Ali passava o dia inteiro gritando, arranhando o chão, andando em torno do toco. Ali defecava, mijava. Ali caíam detritos alimentícios. Tudo isso formava uma lama fedorenta, em que o louco chafurdava. Vinham porcos e cachorros famintos disputar aqueles restos de comida e o demente se divertia em pegá-los e matar.(ÉLIS,1978,p.46)

Toda essa degradação talvez pareça difícil de imaginar, mas possivelmente, ao perguntarmos para um idoso que viveu ou vive no interior sobre as figuras loucas desta época, não lhes parecerá impossível acreditar que desta forma se tratavam dementes. É como se o desespero da família, sem conhecimentos e sem alternativas as levasse também à loucura, aqui de senso comum, de realizar tal ato.

É interessante ressaltar que o tema loucura, componente importante da novela *André Louco*, também pode ser observada nos levar à questão da função do cárcere como mecanismo social repressor a ele relacionado. Veja aí uma forma de tirar do convívio coletivo

Building the way

aqueles que de certo modo traziam desconforto e até mesmo medo, ainda que pela falta de conhecimento.

É sabido que a figura do louco é recorrente na ficção em geral e também na brasileira. Machado de Assis trabalha a loucura no livro “O alienista”, um dos mais clássicos em se tratando desse assunto. Guimarães Rosa aborda o tema em “Soroco, sua mãe, sua filha”; de Primeiras Histórias; Carlos Drummond de Andrade em “A doida”, da obra Contos de Aprendiz; Lima Barreto, em “O cemitério dos vivos” e tantos outros que, ao escolherem a loucura como temática, desenvolvem uma visão terna do insano, que é um pária da sociedade e que desde Baudelaire, é sempre bem acolhido na modernidade literária. Isso não se faz diferente em Bernardo Élis, que como autor goiano, mostra uma sintonia da literatura produzida em Goiás com a nacional e estrangeira.

Uma das cenas de crise de loucura é narrado por Bernardo da seguinte maneira:

Três anos depois, mais ou menos, estava André carreado milho da roça para o paiol, quando, de um momento para o outro, saltou pra cima do carro, gritou uns feios com os bois, metendo o ferrão. O lugar era plaino e descampado. (1978, p.4)

Seguido deste episódio vem a missão de prender o louco, tarefa que os policiais da cidade, ou “bate-paus”, para usar o termo da narrativa, levam quase vinte dias para cumprir. Assim que encontrado, André fica preso no calabouço úmido da cadeia, “com o corpo ferido, magro, algemado, e com uma corrente deste tamanho no pé” (1978, p.5). Noutro trecho que já citamos lê-se que o coronel se incomodou com a gritaria do louco e foi até lá para ver o que se passava perguntando ao carcereiro se este dava água ao doente, sua resposta veio em seguida:

-Nhor não coroné. Ele já botô fora mais de cinco copos da gente. [...] Seu coronel deu um copo d’água para o louco e nesse resto de dia e resto de noite o coitadinho não deu um pio sequer. (p.9)

Dois fatos são interessantes de se observar. O primeiro é o fato de um “doente” estar mantido no cárcere sem os menores cuidados, como a possibilidade de se tomar água, ainda que haja água no local. O despreparo do carcereiro torna-se evidente nas linhas em que admite não conseguir dar de beber ao louco. Durante vários anos, a loucura não teve preparo da sociedade para ser tratada. Somente depois de Pinel é que os loucos começaram a ser mantidos em locais diferenciados dos demais párias da sociedade. De certa forma, manter um louco no cárcere era uma forma de tentar recuperá-lo de seu estado, da mesma forma como se

Building the way

tenta recuperar um marginal que tenha cometido assassinato, por exemplo. A loucura não possuía ainda bases científicas que a explicasse e a identificasse. O cárcere era uma espécie de punição e ao mesmo tempo de coação.

Foucault afirma que

...a obriedade da prisão se fundamenta também em seu papel, suposto ou exigido, de aparelho para transformar os indivíduos. Como não seria a prisão imediatamente aceita, pois se só o que ela faz, ao encarcerar, ao retrainar, ao tornar dócil, é reproduzir, podendo sempre acentuá-los um pouco, todos os mecanismos que encontramos no corpo social? (1997, p.196).

Durante toda a história da loucura, (Foucault, 1972) a forma como os loucos são tratados nunca foi consenso. A princípio, a loucura era extremamente ligada a fatores sobrenaturais, como possessão maligna. Interessante que na novela, *André Louco*, há personagens que ligam a loucura ao sobrenatural. É o caso de Sá Maria Lemes, que durante toda a narrativa não deixa de interceder pela alma do louco, bem como dona Josefa, mãe do narrador. Ambas as personagens tornam-se mais “piadosas”, após a prisão do louco na cadeia da cidade.

No período clássico, posteriormente, a loucura passou a contar com lugares específicos para ser contida. O mesmo local onde se abrigavam vagabundos, desempregados e miseráveis, era utilizado como abrigo aos loucos. Segundo Foucault (1972), esses espaços eram chamados de “casas de internamento”. Essas casas, de certo modo, tornaram-se um mecanismo de exclusão social, pois retiravam das ruas as figuras com as quais ninguém desejaria se deparar segregando o louco da sociedade e trazendo comodidade à classe social emergente da época. É como se houvesse uma necessidade implícita de vigiar e de punir os “não burgueses”. Os insanos, de certo modo, são motivo de incômodo a uma sociedade burguesa e de aparências, pois são imprevisíveis. Mantê-los num local à margem torna-se cômodo para os familiares.

A família da personagem *André Louco* parece não demonstrar muito interesse em saber das condições em que o parente se encontrava. Durante toda a narrativa, não é mencionada uma única visita ou intervenção familiar no caso do louco. A família é citada em breves trechos como “Daí nunca mais voltou à cidade, por que o coronel escreveu para o pai dele que havia processo contra o rapaz, por causa dos peitos da negra Angelina”. (1978, p.20).

Building the way

Certamente, por se tratar de uma cidade duas vezes interiorana, do interior do Estado e do interior do país, o louco não foi encarcerado da primeira vez que cometeu desatino. Haja vista ainda o fato de que a vítima era negra e o exclusão da sociedade talvez fosse punição maior que a culpabilidade do crime. Vale destacar que de acordo com o Código Penal Brasileiro, o louco é considerado figura “absolutamente incapaz” e, por isso isento de crime. Mas a população contentou-se, assim como as autoridades da região, em manter André longe da cidade. Estar longe da cidade significa estar longe do convívio social de pessoas ditas “normais”, sãs. É como se a narrativa de Bernardo Élis quisesse denunciar um fato decorrente de anos de história.

Ao aparecer novamente em surto, a personagem de André é encarcerada na única prisão da cidade. Uma cela com grades voltadas para a rua, na qual toda e qualquer pessoa que passasse poderia vê-lo facilmente.

A cadeia ficava no largo. Um casarão baixo, de janelas de grades, pintado a oca. Pintada com sangue de gente, como dizia Joana. Tomei-me de um pavor obsedante dela. (...) Outras vezes, gozando meu próprio pavor, ficava olhando lerdamente a cadeia, onde outros presos metiam para fora, por entre as grades, seus pés e suas mãos. Queriam gozar do sol matutino (1978, p.6).

No século XVII, a loucura passa a ser motivo de prisão a partir da ordem de delegados e juízes, no entanto, a preocupação de que esses internos fossem tratados não existia. O internamento tinha como função única a reclusão, a segregação do diferente. É o que analisa Rabelo em sua dissertação de mestrado, intitulada *Reforma Psiquiátrica*. (UCG, 2003).

Em André Louco, a primeira ordem de prisão para a personagem, parte do delegado da cidade. Neste ponto, a figura do insano causa um desconforto geral da população e é esse rebuliço que leva as autoridades a tomarem uma providência mediante os fatos.

A partir da prisão, a rotina da cidade se transforma. Numa cidadezinha de interior, geralmente, a vida corre serena e tranqüila, sem maiores sobressaltos. Mas com a presença do louco, nestas circunstâncias até a tradicional missa de domingo fica com ares de aventura.

No geral, as obras bernardianas descrevem a crise do ciclo do gado no sertão goiano, que teve início por volta da década de 40. Nos principais pólos político-culturais do Brasil a industrialização havia começado e o desenvolvimento estava se alastrando pelo país. De fato, em terras mais longínquas como Goiás, essa industrialização e esse desenvolvimento

Building the way

ainda demorariam a se instalar, mas já começava a dar sinais de vida. E essa crise, por certo, afetaria os moradores da região agravando certas psicopatias.

A loucura, em Bernardo Élis, se instala num cenário que ainda hoje, é tido como lugar de tranquilidade, de reposição de energias, de descanso: o ambiente rural. Durante as primeiras páginas da narrativa, a insanidade surge como se já fosse esperada pelo leitor, ainda que sem explicações. O modo como o autor insere a loucura na novela e como trata a mesma no decorrer da narrativa demonstra que, embora em lugar ermo, a complexidade do ser humano num ambiente social vai além das classes sociais e está além de barreiras geográficas.

Esse aspecto, na obra do autor goiano, pode ser atribuído ao fato de que, ao publicar *André Louco* em 1944, ainda como conto, o mesmo tivesse consciência da visão que se tinha da literatura regionalista, de um modo geral, e de que possuía, em suas mãos, um instrumento que pudesse divulgar a cultura de seu estado, abrangendo também aspectos universais. É sabido que a loucura é mal que alcança todos os homens. Além disto, o escritor acabava de retornar do Rio de Janeiro, onde havia uma efervescência de idéias e alterações no sistema manicomial.

A personagem de André alcança um triste fim, entretanto libertador da saga que o imaginário da loucura lhe fez percorrer em vida. Depois de preso por diversas vezes, de causar tanto incômodo na cidade, André, agora transferido para seus familiares no sítio

Vivia nu, ao relento, debaixo do sol e da chuva, debaixo do frio nevoento do fim da seca. Os bichos-de-pé pegaram a tomar conta de seus dedos, de seus calcanhares, de seu nariz, de suas orelhas. Aqueles imensos batatões arroxeados, nojentos, que o homem coçava com os dentes, gritando sem cessar. (1978, p.47)

Neste episódio havia um sobrinho do louco “cuidando” dele e como se não bastasse a própria doença mental, a criança ainda penalizava sempre o doente com chibatadas e outras maldades. Isso perdurou até o dia em que André, depois de apanhar do sobrinho, apanha-o e causa-lhe nada mais que doze esfoladuras pelo corpo, o que lhe rendeu ficar “moído de pau, em petição de miséria, largado na lama.” Não bastasse isso, prenderam-no em couro cru, que ia da cintura ao pescoço e nas costas prenderam-no por argolas em trava na cozinha.

Por uns 3 dias, André, moído de pauladas, não podia nem se mexer, tomando salmoura, que lhe metiam pela boca semi-aberta. O calor da cozinha, porém foi secando o colete. O couro deu de bofes. André berrava que era um gosto. Depois, levantou-se, dando pulos, querendo subir pelas pareces. (1978, p.47)

Building the way

Depois disto, içaram-no ao teto da cozinha, onde, torturado pela pressão que o couro lhe fazia nas costelas, esperneou até desfalecer. Novamente, o imaginário da loucura, permeado pelo religioso, dá à personagem uma nova direção. Um baiano que estava dividindo fazenda com o irmão de André, autor da idéia do couro cru, cisma de que o protagonista estava possesso por um “isprito” de Antônio Conselheiro. Segue-se a essa “revelação” rezas o dia inteiro, terços pela vizinhança, procissões ao louco de noite e por ai vai. Ninguém lhe prestava o mínimo de cuidados higiênicos e resultado disso foi o corpo ser cheio de corós dos quais era possível ouvir a “cantiga” ao comer a carne da vítima.

Certos de que benzê, como se fazia na Bahia, não resolveria o problema, decidiram jogar criolim para matar os bichos. André então berra até a morte que veio num momento de solidão, pois todos os seus telespectadores saíram do sitio e foram celebrar o terço em Barreiro dos Buritis. Ao retornarem de lá, pela madrugada encontraram o louco que “pendia da ponta do laço, murcho, a cabeça caída para frente, os braços pendidos.” (p.49). A constatação da morte veio com desprezo, sem reação de choro e qualquer manifestação. Estava morto e agora só restava declarar:

“Santo André Louco, mártir, orai por ele. “Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois.” (1978). O baiano começou a tirar o terço, o pessoal ajoelhado na cozinha, debaixo do corpo do louco. O baiano tinha posto uma medalhinha de São Miguel na boca. Tinha certeza e convicção de que , quando o corpo pegasse a esfriar, aí é que os capetas e os coisa-ruim começariam a fugir do corpo do filho de Deus.”

Como em todo imaginário coletivo, André Louco virou assombração e continuou a causar medo nas noites mais sinistras da pequena cidade de Corumbá.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Nacy Greca de Oliveira. **Do Modelo Asilar-manicomial ao modelo de reabilitação psicossocial** - haverá um lugar para a psicanalista em Saúde Mental? In: IRevista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, vol11, n 2, pag. 208-2020, São Paulo, junho 2008.
- ÉLIS, Bernardo. **André Louco**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.
- _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Foucault, M. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1968.
- FRANCISQUINI. Publicado no Recanto das Letras em 06/12/2007. Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/767508>.
- HARTOG, François. In: **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. As Histórias como representação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LAPLANTINE, François, TRINDADE, Liana Sálvia. **O Que é Imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003. Coleção primeiros passos;
- MARCHEZAN, Luiz Gonazaga. In: ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.p. ix-xxix.
- MATTOS, Clímaco Isabel. **Adesão dos familiares de portadores de transtorno mental ao tratamento em serviços de atenção psicossocial**. Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia. Goiânia, 2005.
- MENDES, Éder Mendes. **Os sons do silêncio**: o louco e a loucura em Goiás. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2011.
- PEREIRA, João Frayze-. **O que é loucura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.
- RABELO, Ionara Vieira Moura. **Reforma psiquiátrica e Bem-Estar de Saúde mental de goiânia**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003.
- SOUZA, Rildo Bento de. **Quando a loucura torna-se um problema**: A fundação do Asilo São Vicente de Paulo e o trato à loucura na cidade de Goiás(1989-1930).Anais do Congresso Internacional de Historia, Jataí, 2008.Disponível em [www.congressohistoriajatai.org/2011/anais2008/doc%20\(70\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/2011/anais2008/doc%20(70).pdf)